Um enxame de sanharó: *Isso* passa?[1]

Isabela Cristina Batista Ledo Carapeto

Resumo

Este trabalho apresenta um primeiro testemunho de passe realizado a partir da função de Analista de Escola, no âmbito de uma Escola de psicanálise. Uma escrita efeito de pontos de passagens, interroga: como uma análise pode operar uma ruptura, fazendo o saber aparecer como corte, furo, operação de linguagem? Como uma experiência analítica bordada em torno de um vazio, de dados de uma vida desviados pela poética da língua, pode fazer passar do singular, um dizer estrutural? Nesse fragmento, um "medo de apanhar (ao falar)" dá uma forma enunciativa contingente à roupagem fantasmática que insiste nas diferentes versões da apresentação sintomática nos embaraços com a fala, funcionando como defesa diante do desencontro apalavrado com o Outro. Sob transferência, a fala sustenta a ilusão neurótica de um Sujeito Suposto Saber dominar a língua. Pela operação analítica, uma desmontagem desvela a solidão estrutural, pela qual se pode deixar *ser apanhada* pelo Real da língua. Nessa travessia, a equivocidade do falar, antes entrave, se reinscreveria como uma espécie de *sinthoma*, passando a operar como causa, como modo singular de se virar com o impossível de dizer? A aposta ética no passe é que um testemunho, *apanhado* pelas travessuras *d'alíngua*, possa, em sua própria forma, dar notícias do modo como o inconsciente se presentifica: não como conteúdo, mas como ato de linguagem — devolvendo à língua, em nosso campo, algo de sua potência poética, performática, inventiva e não hierárquica. Contrabandear com *a-língua*, desviar da norma do sentido unívoco — não para *que o enxame passe*, mas para *passar o enxame adiante*.

Palavras-chave:

Testemunho; Passe; Final de análise; Poética; Transmissão.

1 Texto apresentado na modalidade oral no XXV Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), com o tema: "A formação do analista – urgência da nossa época", em outubro de 2025.

A swarm of *sanharó*: does *It* pass?

Abstract

This work is a first testimony of pass carried out within the framework of a School of psychoanalysis, from the function of Analyst of the School. A writing effect of points of passage sustains questions: how can an analysis operate a rupture, making knowledge appear as cut, hole, an operation of language? How can an analytic experience embroidered around a void, with elements of a life diverted by the poetics of language, make a structural saying pass from the singular? In this fragment, a "fear of being caught — or beaten — (in speaking)" gives a contingent enunciative form to a phantasmatic attire that insists through the different versions of symptomatic presentation in the embarrassments of speech, functioning as a defense in the face of the worded misencounter with the Other. Under transference, speech sustains the neurotic illusion of a Subject Supposed to Know mastering language. Through the analytic operation, a dismantling unveils structural solitude, through which one may allow oneself to be caught by the Real of language. In this crossing, would the equivocity of speaking, once an obstacle, be reinscribed as a kind of sinthome, coming to operate as cause, as a singular way of dealing with the impossible to say? The ethical wager on the pass is that a testimony, caught by the pranks of lalangue, may, in its own form, give notice of how the unconscious makes itself present: not as content, but as an act of language — restoring to language, in our field, something of its poetic, performative, inventive, and non-hierarchical potency. To smuggle with lalangue, to deviate from the norm of univocal meaning — not for the swarm to pass, but to pass the swarm on.

Keywords:

Testimony; Pass; End of analysis; Poetics; Transmission.

Un enjambre de *sanharó*: ¿*Eso* pasa?

Resumen

Este trabajo constituye un primer testimonio de pase realizado en el marco de una Escuela de psicoanálisis, a partir de la función de Analista de la Escuela. Una escritura efecto de puntos de pasaje sostiene preguntas: ¿cómo puede un análisis operar una ruptura, haciendo aparecer el saber como corte, agujero, operación de lenguaje? ¿Cómo puede una experiencia analítica bordada en torno a un vacío, con datos de una vida desviados por la poética de la lengua, hacer pasar desde lo singular un decir estructural? En este fragmento, un "miedo a ser golpeado e

atrapado (al hablar)" da una forma enunciativa contingente a un ropaje fantasmático que insiste en las diferentes versiones de la presentación sintomática en los embarazos con la palabra, funcionando como defensa ante el desencuentro apalabrado con el Otro. Bajo transferencia, la palabra sostiene la ilusión neurótica de un Sujeto Supuesto Saber dominar la lengua. Por la operación analítica, un desmontaje revela la soledad estructural, por la cual puede dejarse atrapar por lo Real de la lengua. En esta travesía, ¿la equivocidad del hablar, antes obstáculo, se reinscribiría como una especie de sinthome, pasando a operar como causa, como modo singular de arreglárselas con lo imposible de decir? La apuesta ética en el pase es que un testimonio, atrapado por las travesuras de lalengua, pueda, en su propia forma, dar noticia del modo en que el inconsciente se presentifica: no como contenido, sino como acto de lenguaje — restituyendo a la lengua, en nuestro campo, algo de su potencia poética, performativa, inventiva y no jerárquica. Contrabandear con lalengua, desviarse de la norma del sentido unívoco — no para que el enjambre pase, sino para pasar el enjambre adelante.

Palabras clave:
Testimonio; Pase; Final de análisis; Poética; Transmisión.

Un essaim de *sanharó* : *Ça* passe ?

Résumé

Ce travail constitue un premier témoignage de passe réalisé dans le cadre d'une École de psychanalyse, à partir de la fonction d'Analyste de l'École. Une écriture effet de points de passage soutient des questions : comment une analyse peut-elle opérer une rupture, faisant apparaître le savoir comme coupure, trou, opération de langage ? Comment une expérience analytique brodée autour d'un vide, où les données d'une vie sont déviées par la poétique de la langue, peut-elle faire passer du singulier un dire structurel ? Dans ce fragment, une « peur d'être pris (en parlant) » donne une forme énonciative contingente à un habit fantasmatique qui insiste dans les différentes versions de la présentation symptomatique dans les embarras avec la parole, fonctionnant comme défense face au malentendu mis en mots avec l'Autre. Sous transfert, la parole soutient l'illusion névrotique d'un Sujet Supposé Savoir maîtriser la langue. Par l'opération analytique, un démontage dévoile la solitude structurelle, par laquelle on peut se laisser attraper/prendre par le Réel de la langue. Dans cette traversée, l'équivocité du parler, auparavant obstacle, se réinscrirait-elle comme une sorte de sinthome, venant opérer comme cause, comme mode singulier de se débrouiller avec l'impossible à dire ? Le pari

éthique sur la passe est qu'un témoignage, pris par les espièglerie de lalangue, puisse, dans sa propre forme, donner nouvelle de la façon dont l'inconscient se présentifie : non comme contenu, mais comme acte de langage — restituant à la langue, dans notre champ, quelque chose de sa puissance poétique, performative, inventive et non hiérarchique. Contrebander avec lalangue, dévier de la norme du sens univoque — non pour que l'essaim passe, mais pour faire passer l'essaim.

Mots-clés :
Témoignage ; Passe ; Fin d'analyse ; Poétique ; Transmission.

Vou criar o que me aconteceu.
Só porque viver não é relatável (…)
Entender é uma criação, meu único modo
(Lispector, 1964/1998, p. 21)

Tomo como ponto de partida um encontro contingente e corriqueiro. Ao viajar para me encontrar com a segunda passadora, ainda no dispositivo do passe, chego a uma capital, a qual não conhecia, e pego um táxi. Pergunto, então, ao taxista, primeiro *desconhecido* com quem me encontro, se ele achava seguro, para mim, andar pelas ruas sozinha. Ele, então, me responde de modo curioso: "*sim, acho que é seguro… até porque esta é uma cidade de fronteira, de contrabando… então, tudo que tem que passar, passa por aqui. Por conta do contrabando, as coisas têm que andar em ordem, ninguém vai querer os oficiais aqui atrapalhando o tráfico*".

Ainda em tráfego, entre os becos da memória, tentando criar caminhos para falar com a segunda passadora, sou *apanhada* pela precisão chistosa desse breve encontro com o taxista: como extrair um *ponto de orientação* a partir de um *desconhecido*? *Não seria isso que está de saída (e na saída) de uma travessia de análise?* Uma análise começa quando, diante de um desconhecimento do que nos faz sofrer, pavimentamos a via transferencial para fazer encarnar, em um Outro, um Sujeito Suposto Saber. *Apanhamos* um Outro suposto dominar o que nos *escapa*… confiamos-lhe nosso *destino*. Ignoramos, contudo, que, desde o início, o que nos é ofertado é um lugar (de) passageiro. A lógica do passe está ali, desde o começo, em uma análise: fale, perambule, passeie pela pirambeira dos significantes, embarace-se nas peripécias de suas bifurcações equívocas, arrisque-se a contar como produziu um lugar para se fazer localizável no mapa labiríntico do Outro. A cada passo apalavrado para fazer ponte, pontos de fuga de sentido, intervalos abissais… que deixam vazar da falação andarilha em análise, uma pista, um rastro de como, cada um, *contrabandeia* com *a-língua*, para se virar nesse *campo grande* da linguagem.

Como *passar* da insistência de asseguramento pela via de um Sujeito Suposto Saber? Conduzir a um ponto flagrante de que o que contou mesmo foi o percurso com o *desconhecido*? Na minha experiência, após algumas derrapagens, sem contar com o mesmo apoio de outrora da lógica fantasmática, o desafio era trabalhar a partir desse desarraigamento, e não mais ficar, por ele, detida. Nesse sentido, trabalhar na função passadora foi uma *sorte*. De início, tal função parecia atualizar o combo do horror para mim: falar… falar com desconhecidos, falar de uma passagem ainda desconhecida para mim, em uma forma de dizer que eu também desconhecia qual deveria ser. Fazer do desconhecimento burrice, desorientação, supostamente, sempre tinha sido minha grande especialidade em certos momentos da vida. A essa altura, no entanto, já estava advertida de que as *expertises*, as *especialidades*, de quaisquer ordens, serviam mais para fazer algo empacar do que para fazer algo passar. Como confiar na aposta analítica de que uma experiência de *saber* pode ser fundada a partir de um *desconhecido*?

Naquela ocasião, chego a uma sessão de análise aturdida, às voltas com a experiência de estar na função passadora: com pedacinhos soltos do que escutara, buscando ainda *uma forma de dizer*, como vou *apanhar* algo que sirva? "*Vou apanhar, isso sim*", veio essa constatação sarcástica, seguida de uma afirmação categórica: "*se eu falar, vou apanhar*". Frase que, curiosamente, me acontecia com frequência na vida, no sentido de *receber* uma surra, de receber a violência do outro; mas escuto pela primeira vez: *vou apanhar…* Apanhar o quê? Quem fala? Só(u) eu? Escuto equivocando: apanhar é também pegar, tentar agarrar…

De repente, uma s-urra de palavras, sons atrapalhados e lembranças me revisitam: nascida no sertão da Bahia, na roça do meu avô paterno havia um umbuzeiro, no qual morava uma estranha nativa espécie de abelha, chamada *sanharó*. Meu avô sempre me dizia*: "silêncio, shhiii, para o enxame de sanharó não te apanhar, não fala!*". Sanharós, aparentemente, tão pequeninos, eram abelhinhas negras vorazes, de ouvidos sensíveis, que se assanhavam ao menor som e vinham direto aos cabelos. Enroscavam-se nos fios, tecendo um emaranhado, como se fizessem um furo na cabeça. De dentro, pareciam fazer um ruído estrondoso, mas quase inaudito para quem estivesse logo ao lado. Segundo painho, a função delas na natureza é "polinizar", mas em criança escutei "polemizar". Vez por outra, quando esquecia do meu avô e falava distraidamente, os sanharós me apanhavam. Bastava um sanharó entrar para eu sentir o enxame, e o vexame vinha encorpado pelo riso dos familiares com meu estardalhaço. Bichos assanhados ou que me assanhavam.

A sanha alheia era algo com a qual precisei lidar desde cedo. Medo de assanhar, do nada, o Outro, ao menor gesto, ou era o meu medo que o assanhava? Não sabia, mas algo começava nessa (des)ordem, com palavras se desencontrando. Com

o *Outro materno* era uma confusão: para mim, era sinto, e lá era cinto; consinto, com cinto, com cipó… shhhiii, shhhiii, xixi es-correndo… shiup, shiup… agarra, a-garra, surra, s-urra, pega, corre… *amor*daça, *amordança*, apela, a pele… permeabilidade virava permissividade. Por parte de *pai*, um ouvido que duplicava os sentidos, a arapuca palavreira era vertiginosa, me deixava tonta, em vários *sentidos*, mas eu me agarrava só a um: tonta, tola, burra. Ali, assanhava-se o riso, não a fúria, mas, por via das dúvidas, a dica do meu avô virou quase um lema na vida: melhor não falar, falar o mínimo, pois uma palavrinha qualquer e era a conta de ser apanhada, de ser assanhada.

Passei um tempo achando que eu tinha qualquer desacerto com as palavras. Ora falava demais, ora de menos, tropeçava, atropelava, engolia letras… tinha um palavreado estranho, falava errado? Um dizer paterno ressoava: "*Isa fala para fazer confusão*". Acho que o escutei atravessado, fazendo disso quase um pedido: "*Isa, fala pra fazer confusão?*"… e os equívocos se atualizavam nas mais diferentes relações, nos estudos, em vários lugares. Entrei em análise, então, esperançosa por encontrar outro jeito de lidar com esse desencontro apalavrado. Cheguei cuidadosa, como quem se aproximava do umbuzeiro pela primeira vez, naquele esforço costumeiro de não assanhar; aliás, pelo contrário, a ideia era pentear, arrumar, domesticar, para não ter risco ou chance de um ataque.

Por mais cuidadosa que eu tentasse ser, ao abrir a boca, a cada sessão, sentia sempre aquela iminência de que seria atacada. Medo. Silêncio. *Pau*-sa. *Pau*-latinamente, arranhava uma palavrinha, tremia igual a vara verde. Um falar hesitante, gaguejante. Bastava uma palavra *a mais* me escapar, já era a conta para aqueles ouvidos sensíveis apanharem, cortarem, shiup, shiup, e eu saía com um enxame de palavras, abelhudas, assanhadas, que me ferroavam. Literalmente, brotoejas palavreiras se desenhavam sobre a minha pele, palavras me invadiam sem cerimônia: ora rimadas, bifurcadas, desencontradas, despedaçadas, e eu tentando ordená-las, amordaçá-las, espancá-las, shiup, shiup, espantá-las… shhhi, silêncio!

Com o passar do tempo, vez por outra, consentia com aquele alvoroço. Um desejo de saber se assanhava em mim. Deixava-me assanhar, me despentear. Depois de cada sessão de análise, sentada em um canto, lamentava o tamanho do estrago. Tentava desfazer os nós, os emaranhados, vendo se conseguia aproveitar algo, mas, sobre esse enxame, silêncio, shiii, queria mesmo era me desembaraçar.

A *sanha*, *sonha*, *senha*, haveria alguma? Onde desliga "*Isso*"? Sair da Bahia e sonhar a psicanálise em São Paulo passava por esse horizonte de encontrar a senha do desembaraço: *sanharó* é bicho do sertão, do mato, "*lá onde o vento faz a curva*", como ouvia em zombaria às vezes. Então, com essa lonjura, saído desse não lugar, sanharó não tinha vez, não ia sobreviver em cidade grande, terra dos *pets*; bicho aqui vira quase gente. Assanhava-me esperançosa de encontrar outro jeito

de falar, de me apalavrar. Nesse sentido, a tal da psicanálise era um prato cheio: diante da minha pobreza de recursos e lexical, encontrar assim, dando sopa, tanta palavra bonita, tanta gente desembaraçada, que falava até francês, me arriscava a papagaiar algumas palavrinhas de vez em quando. Tomava *o lacanês* emprestado, vez por outra, em goles moderados, gargarejava pelas manhãs, para o *errrre* sair mais acertado, gorjeava alguns conceitos, mas me soava estranho, vexame!

Nessa empreitada de domesticar as palavras, esperava que só uma analista de *re-nome* pudesse me ajudar. Não conhecia bem ninguém assim em São Paulo. Para disfarçar a ignorância, escolhi alguém só pelo *nome* mesmo, literalmente, achei aquele nome bonito: Beatriz. Quem sabe, *desconhecida para mim, mas não anônima*, ela poderia inter-ferir, e inter-feria. Bastava uma palavrinha escapar e aqueles ouvidos tão fininhos, sensíveis, delicados vinham com a força de um ferrão abelhudo, ferroava, feria, abria furinhos. Ao menor deslize, ao menor de-talhe, um talho, um corte. E, em um rápido esforço para recobrir o corte, me ocupava de suturar com elucubrações do que o Outro poderia querer de mim: será que ela não gostava, não entendia o que eu falava? Achava melhor eu ir embora? Para onde? Devia ter algum tratamento para esse despertencimento crônico. Não queria levantar voo de novo, queria achar um jeito de ficar.

Comecei, vez por outra, a me render. Assumi no divã, com certa *clandestinidade*, meu palavreado torto, tolo, apostando: se essa analista mexeu no vespeiro que é Lacan, não é possível que essas minhas palavrinhas estranhas vão afugentá-la. Ela deve ter alguma destreza com enxame também, ainda que não seja de sanharó. Vez por outra, deixava em análise pedacinhos do que o enxame festivo escrevia em mim. Até que um dia, no divã, falei *besteira* distraidamente… me senti em casa, lugar, por sinal, onde ouvi sempre dizer que eu falava muita *besteira*, e, na saída, um enxame apalavrado me atravessou como nunca. Dessa vez, a sanha sonora vinha em forma de rimas brincalhonas, fazendo menção ao jeito que meu avô e meu pai gorjeavam as palavras na minha infância, recontando a minha história pelo avesso: as palavras se encostavam, roçavam entre si, atraíam-se e atritavam-se… colidiam-se, um *big-bang*, um *bang-bang*, uma explosão, faíscas escapavam e eu *apanhava*, recolhia por escrito alguns detritos do que se desprendia.

Animada, me assanhei, queria voltar a viver essa experiência, como é que liga *Isso*? Não sabia. Levei para a análise, outro dia, outra vez, um lampejo e *puft*, o breu voltava. Levei um novo pedacinho escrito para análise. Apesar de ter sacado que a autoria não era exatamente nem minha, nem da suposta analista, queria alguma parceria nisso, afinal, acontecia em mim. "*Isso*" falava em mim. Quando cheguei para falar d'*Isso* que me escapava: tremores… e se eu ativasse a sanha? *Vou apanhar*, não saberia o que fazer… mas não dava mais para correr. Arrisco-me, "posso ler?". "Sim", escuto. Ufa, sobrevivi. Não estou tão SÓ nessa loucura… Chego outro dia

com outro pedacinho escrito: "posso ler"? E, para minha surpresa, escuto: "*É grande?*" Aquilo me volta como uma ferroada traiçoeira, me senti amassada, ameaçada. "*É grande?*", uma pergunta tão pequenininha virou logo algo gigante aos meus ouvidos, *escutei*: cale-se, shhhi, silêncio, não fale, deixe o enxame lá fora, não tenho nada a ver com isso, que vexame, mas gaguejante, vacilante, falo… falo só, só como sempre estive (Lacan, 1964/2003). "O que fala só tem a ver com a solidão (…) Essa solidão de ruptura do saber…" (Lacan, 1972-1973/1985, p. 242).

Passar pelo enxame. Topar a ferroada. Engasgar-se. Esgarçar-se. Abrir-se. Esburacar-se, consentindo que a "solidão é o que, de uma ruptura de ser, deixa traço" (Lacan, 1972-1973/1985, p. 242). Traçar, então, outro caminho, por outras vias, não sem alguns outros, não sem algumas palavras. Como se dispor a *Isso* na escuta nossa de cada dia como analistas? Como se dispor a *Isso* no dispositivo do passe? Como passear orientada pelas *Palavras do Sanharó*, e não pela *Palavra do Senhor*, ainda que esse seja o estimado Senhor Lacan? Desassenhorear as palavras, assanhando esse não saber, seria essa a função de um testemunho de passe? Deixar-se trabalhar, deixar-se tocar pelos sanharós, sabendo que não dá para apanhá-los, para prendê-los, para dominá-los. Ou sabendo que apanhar e escapar andam sempre juntos. Não à toa, um dia fui falar, em um cartel, do jogo de pega-pega e o chamei de corre-corre. O sentido é esse pega, es-corre, pega, es-corre. Não importa: fala-se mais, fala-se menos, em francês, português, lacanês, baianês, isabelês; impossível… lá, aparece intacto o enxame de sanharó… intocado, mas não entocado, ao menos a quem puder escutar, pois o barulho é grande. *Isso* se mostra.

Um dizer barulhento lacaniano me ressoa: o fiasco que é tentar fazer de um fiapo, de um trapinho de língua, um fio de ouro. E como é difícil se manter afinado, afiado, no fio da navalha, para não espantar, escorraçar, espancar, silenciar esse estrangeiro, que, vez por outra, sem aviso prévio, nos visita e faz de nós morada. Tenho sentido essa dificuldade na pele, uma pele que já devia estar calejada. São tantas as ferroadas, brotoejas deviam ser lugar-comum, ficam algumas cicatrizes; mas é engraçado, quando o enxame chega perto, minha pele parece mais a de um recém-nascido, parece sempre a primeira vez. O que mudou, então? Passei tempos em análise, achando que a saída era engrossar a casca… aí *escuto* passeando com Lacan que um passador é "placa sensível". Topar com essas "placalavras", sem aplacá-las, sem calá-las… topar com o dispositivo do passe, primeiro como passadora, depois como passante, me ajuda a mudar de rumo e a chegar, com surpresa, até aqui. Digo topar, nos dois sentidos, porque foi uma contingência, poderia ter sido de outros modos, mas decidi jogar por aí. O trabalho nos diferentes lugares do dispositivo do passe e a possibilidade contingente de uma nomeação, talvez, surja daí, quando cada um — passante, passadores, cartel — topa o jogo nesse *sentido*… nessa direção, advertidos de que lalíngua, como os sanharós, está sempre à espreita,

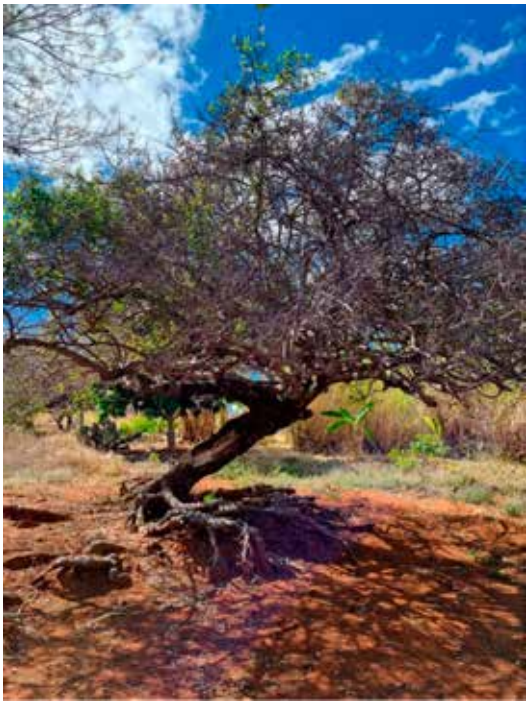
com seus ouvidos afi(n)ados, em vias de infectar a língua (Milner, 2012), em vias de desacomodar as palavras, em vias de nos desalojar de nós mesmos.

O passe não seria um dispositivo que ainda nos interessa, hoje, para nos expor a tal desalojamento de uma linguagem supostamente oficial, dogmática? Tal qual a anedota do taxista, um testemunho pode trazer à tona — e não apenas falar sobre — como cada um se deixou atrapalhar pelo oficial, ou ainda escancarar a trapalhada neurótica, ao tentar sustentar o oficial; e como foi possível inventar um artifício contingente para trapacear com *a-língua*, deixando-se organizar por seus desvios, por seus zunidos, pela *ordem do contrabando*. Nesse sentido, um fragmento de sonho me ajuda a dar mais alguns passos: *estava atrasada para o lançamento de um livro chamado "contrabandistas da memória". Pelas ruas, perambulando com a minha mãe, avisto uma antiga vizinha, chamada Norma. Aponto-a, mas minha* mãe não *reconhece a* Norma. *Cruzo a rua e encontro uma antiga amiga da família,* cujo nome, curiosamente, só me lembrei ao final do trabalho no dispositivo do passe. *O nome dela é* Graça. Desviar da *Norma* e encontrar a *Graça*. Transmitir uma experiência singular poderia passar pelos rastros de como, cada um, à sua maneira, soube-(des)fazer a submissão à *norma* da linguagem, e, em meio ao drama neurótico, encontra a *graça* de produzir, como saída, uma reinscrição lógica e poética do seu sint(h)oma? Ao longo do meu percurso analítico, *fui apanhada*: diante do empuxo neurótico à normatização, à explicação infindável, ao sonho idílico acadêmico da neutralidade, à farsa do universal, às cacofonias teóricas; um testemunho (do Real) implicou um arriscar-se em uma fala situada. Uma ultrapassagem do ato informativo, e a tentativa de performar um cruzamento de fronteira linguística que desconcerta um modo de dizer cristalizado, que desacomoda um saber pr*escrito*. Ter a história de uma análise *apanhada* pela *função poética da língua*, suportar o desmantelo de uma escrita parida do enxame da oralidade, dos restos sonoros, das réstias silábicas avexadas, acanhadas pela exigência de intelectualização; nos dá a chance, a cada vez, de bordar uma fronteira viva, sensível entre Saber e Verdade, da qual Lacan (1971-1972/2011) diz depender o Discurso Analítico.

O desafio nada fácil colocado pela função de Analista de Escola, assim, a partir da minha experiência, talvez, passe por suportar essa lógica do testemunho: para além da mensagem, fazer aparecer um (modo de) dizer, artifícios singulares para forçar a língua a conservar o enxame, a conservar o que resiste à tradução. Por um gesto de linguagem, fazer irromper o inconsciente como operação linguageira, um insabido que sabe (Lacan, 1976-1977), *pelo qual somos trabalhados, apanhados*. Tal qual o enxame de sanharó, faz do corpo morada… como inquilinos abelhudos, nos apanha, faz barulho, gargalha, às vezes arrepia, não deixa um fio de cabelo no lugar… me desca-*bela*, apanhando aí parte do meu nome, mas

deixando outro escapar. Desca-*bela*-da, significante que lembra a minha chegada à análise. Entrei em análise ao dizer que não suportava mais "algo" que parecia não *caber* em mim. E, ao final, que ironia, encontro na saída um "*descabimento alargado*". Fui apanhada, uma arapuca, uma "*pegadinha*" daquelas supostas em um saber do analista, de um pai, o domínio de uma montagem, com suas, minhas, nossas palavras brincalhonas. As palavras nos chegam brincantes, brincam conosco! Um descabimento alargado, não há palavra que caiba, há palavra que cai, despenca, desca*bela*, desc-*abelha*, desca-*bea*… *triz*, por um triz… a palavra polinizada, polemizada, deixa aí um monte de pedacinhos, fios soltos… no meu sotaque, "*discabela*", pedacinhos descabidos de isabel(h)a… ou isabela em pedacinhos, que são *is(c)as*… e só, pescando, apanhando ao passo que se deixa ir… só com isso, posso seguir tecendo a vida, o trabalho, a teoria. Até porque no fundo foi sempre assim… *não há Outro*… jeito. "*Dá-se um jeito! Dá seu jeito*"… ressonâncias *assanhoradas* diante do impossível de dizer. Ou, como escutei ao longo da vida na simplicidade do meu avô sertanejo, sem estudo formal, que nos deixou feito *passa*rinho no meio dessa travessia, embora *andasse esquecida*: "*que peleja, minha fia, não dá pra chupar cana e assoviar ao mesmo tempo, né*?".

Umbuzeiro do sanharó. Roça da gameleira. Sertão da Bahia, Brasil.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Referências bibliográficas

Lispector, C. (1998). *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco. (Trabalho original publicado em 1964)

Lacan, J. (1976-1977). *Le séminaire, livre 24 : l'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Inédito.

Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)

Lacan, J. (2003). Ato de fundação. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1964)

Lacan, J. (2011). *O seminário, livro 19: o saber do psicanalista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Escola Letra Freudiana. (Trabalho original publicado em 1971-1972)

Milner, J.-C. (2012). *O amor da língua*. Campinas: Editora da Unicamp.

Recebido: 27/02/2026

Aprovado: 30/03/2026